



**EMBRAPA**  
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO  
ALGODÃO  
Caixa Postal 174 - CEP 58100  
Campina Grande - Paraíba.

## COMUNICADO TÉCNICO

Nº 05 Setembro 1980 05 pág.

### A PODA DO ALGODOEIRO HERBÁCEO PARA OS VALES ÚMIDOS DO SERTÃO NORDESTINO

Demóstenes Marcos Pedrosa de Azevedo<sup>1/</sup>, Napoleão Esberad de Ma  
cêdo Beltrão<sup>1/</sup> e Laudemiro Baldoíno da Nóbrega<sup>1/</sup>

A prática da poda em algodoeiro perene-mocô (Gossypium hirsu-  
tum var. marie galante, Hutch) é de uso consagrado nas regiões  
semi-áridas do Nordeste.

O algodoeiro herbáceo, Upland ou anual (Gossypium hirsutum,  
var. latifolium L.), largamente explorado na região Meridional  
e no Agreste nordestino, vem sendo cultivado como lavoura anual,  
daí o seu nome. A semente é plantada apōs o preparo do solo, de-  
pois das colheitas, as plantas são erradicadas e queimadas, ou  
simplesmente incorporadas ao solo. No entanto, tem-se informa-  
ção de que o algodoeiro anual, apōs submetido a uma poda drāsti-  
ca, é capaz de produzir no 2º ano, passando assim a comportar-  
-se como uma cultura bianual. Esta prática foi constatada pela  
primeira vez aqui no Nordeste por Freire et al (1973) que passa-  
ram a estudar a sua viabilidade econômica, seus efeitos em di-

<sup>1/</sup> Pesquisadores M.Sc. do CNP-Algodão - EMBRAPA.

versas cultivares a altura e época apropriadas nos algodoeiros do Estado da Bahia.

Com a criação do Centro Nacional de Pesquisa do Algodão, em Campina Grande - Paraíba, o estudo da poda para este tipo de algodoeiro teve início no Campo Experimental de Surubim, situado na zona fisiográfica do Agreste pernambucano, no ano de 1977. Procurava-se, com o estudo, gerar informações que orientassem o cotonicultor, pouco afeito ao tipo de prática naquela região. Os resultados, entretanto, foram pouco promissores, devido, principalmente, a elevada infestação de ramulose (Colletotrichum gossypii South. var. cephalosporioides A. S. Costa) além da considerável incidência de pragas. Deduzindo-se daí que a região não apresentava condições climáticas ideais para o cultivo do algodoeiro herbáceo no 2º ano.

Nos anos posteriores, este estudo teve início no Sertão paraibano, notadamente, na zona fisiográfica do Vale do Piranhas. Aí os resultados foram bem mais compensadores, a cultivar SU-0450/8909, uma das mais adaptáveis às condições edafoclimáticas da região, chegou a comportar-se tão bem no 2º ano quanto no 1º, com um rendimento de 1.220 kg/ha, em 1977, para 1.165 kg/ha no 2º ano, após a poda e com apenas 5% de redução na produção de um ano para outro. Daí para cá, este estudo tomou maior dimensão, pela expectativa deste tipo de algodoeiro com uma simples operação de poda, vir a produzir mais de 1.000 kg/ha no 2º ano. Resultados mais recentes têm mostrado que, independentemente da irregularidade de distribuição das chuvas, o algodoeiro

herbáceo podado, em solo de boa fertilidade, tem potencial para assegurar uma produtividade de mais de 1.000 kg/ha, desde que, disponha de um sistema radicular bem formado no 1º ano e que, no 2º ano, lhe sejam dadas condições fitossanitárias adequadas.

Baseados nos últimos resultados de pesquisa, a poda no algodoeiro herbáceo deverá seguir as normas que passaremos a descrever. Estes procedimentos poderão ser adotados por cotonicultores dos vales úmidos do Sertão nordestino, que passaram a cultivar o algodoeiro anual em substituição aos tipos Verdão, Rasga Letra e variedades locais semi-perenes.

- A poda seca (poda realizada após a colheita) tem por objetivo proporcionar condições fitossanitárias e fisiológicas para a planta do algodoeiro anual produzir no 2º ano de cultivo. A planta poderá produzir no 2º ano, sem que tenha sido submetida à poda, porém, nestas condições, ela estará mais sujeita a insetos, particularmente a broca do algodoeiro (Eutinobothrus brasiliensis, Hambleton), a doenças, e, certamente, estará fisiologicamente mais enfraquecida pelo grande número de emissão de brotos e folhas, esgotando assim, as reservas de seu sistema radicular em tempo não oportuno.
- De preferência sugere-se fazer a poda em algodoeiro bem tratado, isto é, onde não ocorreu a broca do algodoeiro ou em algodoeiro onde se fez o controle preventivo desta praga no 1º ano.

- Ao término da operação da poda, aconselha-se o encoivamento dos restos culturais e a sua posterior queima, a fim de se evitar a proliferação de insetos. Pode-se também utilizar estes restos culturais para a alimentação do gado, fora da área da lavoura.
  
- No que diz respeito a época de poda, os resultados experimentais têm mostrado que tal prática deve ser efetuada no período que vai da última colheita até antes do início das primeiras chuvas. Para o cotonicultor que for também criador, sugere-se que a poda seja efetuada após o gado ter se alimentado apenas da folhagem do algodoeiro. Após esta fase, o gado deve ser afastado do algodoeiro e a poda pode ser realizada.
  
- Ainda quanto a época de poda, sugere-se evitar fazê-la após as primeiras chuvas, devido ao acentuado decrêscimo que se verifica na produção do algodoeiro. Para a cultivar SU-0450/8909 podada no período seco (13.12.1977) e após as primeiras chuvas (02.02.1978), no Vale do Piranhas, obteve-se reduções da ordem de 59%, decorrentes apenas da interferência da época em que foi efetuada a poda.

Para o controle da broca do algodoeiro, como ainda não existe uma tecnologia para a amostragem e detecção desta praga antes da ocorrência do dano, sugere-se o controle químico através do uso de inseticidas clorados e medidas culturais de controle.

Em regiões onde a ocorrência da praga é constante, a primeira aplicação do inseticida deve ser efetuada no início das chuvas. Em áreas de fortes infestações, as aplicações devem ser feitas imediatamente após a poda, no início das chuvas e, possivelmente, uma terceira aplicação seja necessária 20 dias após a anterior. Como medidas culturais de controle da broca em algodoeiro podado sugere-se:

1. Limpeza do campo mediante encoivramento, e queima ou utilização dos restos culturais das plantas podadas para a alimentação do gado;
2. Rotação de culturas. Se possível usando amendoim, milho ou cana;
3. Controle das plantas daninhas, principalmente guaxumas e outras malváceas.

Das cultivares testadas, a SU 0450/8909 foi a que melhor respondeu a prática da poda. Estes resultados obtidos no Vale do Piranhas vêm confirmar os resultados obtidos na Bahia na década passada.

#### LITERATURA CITADA

FREIRE, E. C., SOUZA, L. S. & ALVES, E. J. Estudos sobre a poda em algodoeiros herbáceos. In: Freire, E. C. et al. Experimentação agrícola nos Estados da Bahia e Sergipe 1971/1974. Salvador, EMBRAPA, Representação do Estado da Bahia, 1976. pp. 105-18.